

## FELICIDADE PERTURBADA – EVOCAÇÃO DA LEMBRANÇA EM “REBIMBA, O BOM”, DE GUIMARÃES ROSA

*DISTURBED HAPPINESS –  
EVOKING MEMORY IN  
“REBIMBA, O BOM”, BY  
GUIMARÃES ROSA*

Alexandre Vilas Boas da Silva  
(UEL)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo traz uma análise do conto “Rebimba, o bom”, de João Guimarães Rosa. O conto integra a última obra publicada em vida pelo autor, intitulada *Tutameia (terceiras histórias)*, composta de quarenta contos curtos. A leitura analítica deste conto parte de uma breve contextualização da obra e algumas considerações acerca da opção narrativa

---

<sup>1</sup> Doutorando (Bolsista Capes/DS) em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina. Caixa Postal 10.011. CEP 86057-970. Londrina – Paraná – Brasil. E-mail: alexandrevbs@seed.pr.gov.br

empregada no texto. Na sequência, é realizado um detalhamento de como o narrador-personagem anônimo constrói a estória, em uma alternância pendular de felicidade e infortúnio, até a conclusão conciliadora do conto, em que se revela a figura misteriosa de Rebimba. Para auxiliar na tarefa analítica, foram retomados estudos da obra de Rosa realizados por Nilce Sant’Anna Martins (2001), Vera Novis (1989), Silviano Santiago (2001) e Irene Gilberto Simões (1988). Espera-se, com esta leitura, contribuir com os estudos acerca da produção contística de Guimarães Rosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. Conto. *Tutameia*. “Rebimba, o bom”. Narrador. Memória.

**ABSTRACT:** This work presents an analysis of the short story “Rebimba, o bom”, written by João Guimarães Rosa. This story integrates his last work published in life, entitled *Tutameia (terceiras estórias)*, composed by forty short stories. The analytical reading for the short story begins with brief work’s overview and some considerations about its narrative option. Then it will be observed how the anonymous character-narrator builds the story in a swinging of happiness and sorrow, until its conciliatory conclusion, in which is revealed the mysterious figure of Rebimba. In demand to assist the analytical task, some scholars devoted to Rosa’s work will be resumed as Nilce Sant’Anna Martins (2001), Vera Novis (1989), Silviano Santiago (2001) and Irene Gilberto Simões (1988). With this reading we hope contribute to Guimarães Rosa’s short stories studies.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa. Short story. *Tutameia*. “Rebimba, o bom”. Narrator. Memory.

## Introdução

*Tutameia (terceiras estórias)* é o último livro publicado em vida por João Guimarães Rosa (1908-1967). O livro traz em sua composição quarenta contos curtos, que oscilam entre três e cinco

páginas, considerando a segunda edição de 1968, usada neste artigo. No entanto, apesar da brevidade dos contos, sua escrita é densa e sua leitura desafiadora. Já no final da década de 1980, Vera Novis, ao observar a quantidade reduzida de estudos acerca da obra *Tutameia*, menciona o aspecto inquietante causado por sua leitura como um dos motivos para tal lacuna: “A impressão inicial causada pelo livro é de perplexidade: alguns contos, como o que abre o volume, “Antiperipléia”, são semanticamente densos, violentamente dramáticos”. (NOVIS, 1989, p. 22)

Estes contos foram publicados pela primeira vez na Revista *Pulso* – o que talvez explique em parte a concisão, devido ao espaço reduzido da Revista para sua veiculação. Não obstante a brevidade dos contos, sua leitura não é rápida e nem tampouco leve, como menciona Paulo Rónai, em seu ensaio *Tutaméia*:

Longe de constituir um convite à ligeireza, o tamanho reduzido obrigou o escritor a excessiva concentração. Por menores que sejam, esses contos não se aproximam da crônica; são antes episódios cheios de carga explosiva, retratos que fazem adivinhar os dramas que moldaram as feições dos modelos, romances em potencial comprimidos ao máximo. Nem desta vez a tarefa do leitor é facilitada. (In: COUTINHO, 1991, p. 531)

A obra, publicada meses antes do falecimento de Guimarães Rosa no ano de 1967, é tida como uma espécie “testamento” do autor, uma vez que traz, além das quarenta breves histórias<sup>2</sup>, quatro prefácios (!) distribuídos entre os contos. Nestes prefácios, estariam as chaves da poética do autor, que, ora em tom teórico, ora em tom confessional, fala de seu processo criativo. Ainda de acordo com Paulo Rónai tais prefácios:

Juntos compõem ao mesmo tempo uma profissão de fé e uma arte poética em que o escritor, através de rodeios, voltas e perífrases, por meio de alegorias e parábolas, analisa o seu gênero, o seu instrumento de expressão, a natureza da sua inspiração, a finalidade da sua arte, de toda arte. (In: COUTINHO, 1991, p. 531)

Dentre os quarenta contos sintéticos e inquietantes encontrados em *Tutameia*, sete deles repetem o procedimento narrativo consagrado no romance monumental *Grande Sertão: veredas* (1956) – um narrador-protagonista a narrar uma estória da qual participou como personagem. Para o presente artigo será analisado o conto “Rebimba, o bom”.

Nesta análise intenta-se observar como a opção narrativa permite a seu protagonista recordar o passado vivido, fazendo um recorte dos fatos em busca de atribuição de sentido aos acontecimentos pretéritos. Tal recorte é feito, naturalmente, pelo narrador através de seu discurso que, a partir do momento presente, passa a dispor as lembranças em um encadeamento lógico, para poderem ser assimiladas; bem como para dar aos acontecimentos uma ordem coerente e possível de ser contada, assumindo, deste modo, uma forma de conjunto.

Neste conto, o narrador conta o modo pelo qual conseguiu compreender seu passado, através de uma reordenação lúcida dos fatos vividos, também refletindo acerca de sua própria identidade. Ele se torna, deste modo, portador de nova visão de mundo depois de reinterpretar seu passado. Esse processo, que o faz reler o passado, é feito de modo racional, porém não deixa de despertar nele sentimentos que extrapolam os limites da razão. Não é em vão que a palavra “recordar” traz em seu radical *cor, cordis*, do latim, que significa “coração”, em português. Assim o narrador, ao retomar os tempos idos, relembra e recorda “de cor” as suas vivências. Vejamos como se representa no conto tal processo.

## **O narrador a recordar e reorganizar seu passado**

No conto “Rebimba, o bom”, o narrador inominado, já envelhecido e sereno, coloca em análise sua própria vida. Lembra-se de uma doença que na juventude quase o abateu. Recordar-se de

quando conheceu a moça Cilda, com quem iria, posteriormente, se casar. Retoma, também, as lembranças dos encontros e perdas de entes queridos. Recobra as lembranças aflitivas que faziam com que ele, nas ocasiões difíceis, recorresse à memória de Rebimba, o bom, um homem “que ajudava geral” (ROSA, 1968, p. 127) e que o provia de esperança. Este narrador, que se encontra alegre e em paz no momento da enunciação, conta, seguindo um padrão que permanece por todo o relato, os momentos de disforia que se sucedem, alternando-se aos momentos de grande alegria em sua vida, como será visto adiante.

O espaço de onde ele narra é indeterminado. Tal indefinição também estende-se à sua pessoa. Não se sabe muito sobre o narrador, além do que se pode entrever de suas recordações e dos sentimentos nele despertados pelas mesmas. O espaço da diegese, por sua vez, possui maior determinação: percorre algumas cidadezinhas do sertão. Tem-se, em primeiro lugar, conhecimento de um arraial por ele habitado, do qual se muda por causa da “bexiga-preta” (126), a varíola, que toma conta do lugar. Depois, ele diz ter sido enviado para um lugar, também inominado, com “montanhas chuvosas”, onde supostamente encontraria um tio desconhecido. O tio não é encontrado neste local, só mais tarde se descobrirá que em verdade o parente habitava “no outro, próximo arraial” (ROSA, 1968, 127), e para onde o narrador se mudará depois. Por fim, encontra-se menção a um lugarejo, no desfecho da estória, por onde o narrador passava em viagem, um “arraial chamado o Rio-do-Peixe” (ROSA, 1968, 129), que é a única menção precisa de lugar encontrada aqui neste conto.

Este mesmo local, de existência real, é mencionado no ensaio de Silviano Santiago, “Transtornado incerto”, que estudou as fontes históricas originárias do conto “Um moço muito branco”, presente em *Primeiras estórias* (1962). Santiago (2001) demonstrou que a criação deste conto partiu de fonte real: o “Rio-do-Peixe”, que se localiza na cidade do Serro, antiga comarca do Serro Frio, no estado de Minas Gerais. Neste conto de *Primeiras estórias*, o narrador inicia a

estória citando uma notícia de jornal, que contava um evento singular no ano de 1872: “Na noite de 11 de novembro de 1892, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se os fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e exarados nas *Efemérides*.” (ROSA, 2001, p. 149), que remete à matéria, das *Efemérides Mineiras*, daquela data, intitulada: “*Terremoto e tragédia no rio do Peixe*”. (SANTIAGO, 2001, p. 16, grifo meu)

Aliás, a utilização de nomes de pessoas e de lugares reais por Guimarães Rosa foi empregado em vários de seus escritos ficcionais, conforme a entrevista “*Rememorações de Seu Zito*” (2001) na qual o vaqueiro Zito conta uma viagem de tropeiros acompanhada por Rosa, em 1952. Neste seu relato são mencionadas localidades e pessoas que aparecem posteriormente na obra de Rosa.

\*

Voltando ao conto “*Rebimba, o bom*”, constatamos o posicionamento do narrador anônimo em um nível narrativo diegético<sup>3</sup>. Ou seja, ele se apresenta como uma personagem produtora da narrativa, que tem o seu discurso reproduzido por uma espécie de “editor” ou “transcritor”. O narrador mantém a sua enunciação por todo o conto e não se pode determinar, a partir de sua fala, mudanças perceptíveis neste nível narrativo. Encontramos apenas a transcrição de uma palavra em discurso direto “ Uns...” (ROSA, 1968, 127), pronunciada por Daça, um dos “figurantes” do conto. Desta forma, o provável nível que originou este relato do narrador – um nível extradiegético, segundo categoria narrativa proposta por Gérard Genette – permanece, portanto, indeterminado.

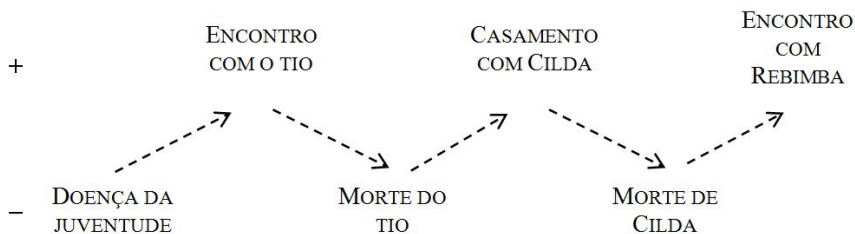
A enunciação do conto se dá em forma de monólogo, apresentando-se poucas marcas de oralidade, como, por exemplo, o emprego da palavra “digo” (ROSA, 1968, 126) que, no entanto, também pode ser empregada na linguagem escrita: “Recerto. Quem foi? Do qual só o todo pouco sei, porém, desfio e amostro, e *digo*” (ROSA, 1968, 126, grifo meu). Frente a isso, observa-se uma indeterminação quanto à enunciação do conto, visto que no final

encontra-se a seguinte frase: “– *Louvado seja o que há!*” – escrevi, altíssimo, para renovar memórias” (ROSA, 1968, 129, grifo meu). Com isso, cria-se uma dúvida, respeitando obviamente os limites da verossimilhança: o conto teria sido “escrito” ou “falado” pelo narrador?

Já em relação ao narratário, não há qualquer sinal de sua presença, ficando, por isso, completamente indeterminado. O seu interlocutor pode ser seu “ouvinte” ou, quem sabe, o próprio “leitor”, que acompanha “de fora” o seu relato; só ficando implícito, pela provável questão feita de antemão: “ Quem foi Rebimba?”, frente ao que o narrador iniciaria sua estória: “Recerto. *Quem foi?* Do qual só o todo pouco sei, porém, desfio e amostrô, e digo” (ROSA, 1968, 126, grifo meu). É a partir dessa possível pergunta que se inicia a situação narrativa do conto. Em “Rebimba, o bom” o discurso do narrador assume um aspecto predominantemente monológico, visto que ele não se refere durante seu relato, em momento algum, como vimos, a seu interlocutor.

Neste seu relato, ele destaca cronologicamente alguns dos acontecimentos mais marcantes de sua vida, como a doença na juventude e a morte de entes queridos. Durante seu relato, nota-se certo aspecto pendular da descrição das situações boas e ruins: percebe-se a alternância entre doença e cura, alegria e tristeza se repetindo ao longo da narração.

O seguinte esquema ilustra as passagens positivas e negativas de seu relato:



Vejam, na sequência, como se desenvolvem cada um destes momentos na narrativa:

Primeiramente, o narrador conta como se deu a sua chegada ao arraial, depois da morte dos pais, mandado em busca de um tio, “Joaquim José, incerto, mas capaz de me amparar” (ROSA, 1968, 126), que ele não encontra, sendo, por isso, tratado com desconfiança pelo povo do lugar. Ainda debilitado pela doença e lembrando dos recém-falecidos, confronta a atmosfera ordenada, saudável e estável do lugar com suas lembranças. Diante disto, afirma, “Entendi porque é que as pessoas nascem em datas separadas” (ROSA, 1968, 126), pois, enquanto alguns vivem desgraças, outros se mantêm em pacífica tranquilidade. Sem encontrar o tio e sem condições de se recuperar, o narrador, com extrema tristeza, desiste de viver: “[permaneci] Detido no chão, em metade de choupana que o tempo abria, resolvi, ia me ficar jazido ali, eu não era para como viver, não sabia.” (ROSA, 1968, 126)

O jovem é então levado a um asilo, “a casa-dos-pobres” (127), onde Daça toma conta dele. É lá que ouve pela primeira vez o nome de Rebimba, servindo-lhe de alento: “Êle [Daça] falou, eu em febre, certas surdinas. Sem remédio nada estava, porque um homem havia, que ajudava geral [...] parado em seu lugar, a-pique alto, no termo de estiradas léguas” (ROSA, 1968, 127)<sup>4</sup>. Confiante e cheio de fé, o jovem se restabelece: “saí, do frio para o quente, levantado sarado. Agora me viam correto, prestes iam arranjar para mim serviços leves” (ROSA, 1968, 127). Graças ao Daça, e ao Rebimba, a vida começava a melhorar.

Nesse ínterim, o narrador apresenta outra reviravolta: “de supetão, então, meu tio apareceu, me abraçou, nesses lumes de acaso” (ROSA, 1968, 127). O tio, negociante em uma cidade próxima, chamado Aquino Jaques, e não Joaquim José, muda sua sorte: “trouxe do meu lado tanta mudança, no jogo da balança quinhoã, o tido consoante, o querido” (ROSA, 1968, 127). Nota-se desde já que o narrador descreve a vida com uma alternância de passagens tristes e



boas: o homem, subjugado ao destino que não pode controlar, faz parte de um jogo no qual os resultados parecem já estarem dados de antemão. Assim, ele encontra o tio mesmo sem procurá-lo.

Com o aparecimento do tio Aquino Jaques, o “tio Quinjoca” (ROSA, 1968, 128), o narrador se declara: “feliz perturbado virei, pude amornar lugar, viver a sabor” (ROSA, 1968, p.127). É interessante notar que o narrador qualifica seu estado, por estes tempos, como de “feliz perturbado”, uma estranha adjetivação para designar felicidade! No entanto, com a estabilização da vida, ele se esquece, quase totalmente, dos dias passados naquele outro arraial. De lá só lembrava da moça Cilda, filha do Daça, que despertara bons sentimentos nele, desde a primeira vista: “a mocinha trigueira contemplei: não a formosura, nem caridade, mas um agrado singular, o de que ela não causava prejudicar a ninguém. Depois figurei que era bonita, mais tarde” (ROSA, 1968, 126). O amor pela moça crescia em seus pensamentos, mas de forma muito vaga: “Ela persistida se crescia como é como uma fruta azul a água fechada na cisterna.” (ROSA, 1968, 127)

Esta passagem, que se destaca por seu aparente aspecto ilógico, nos faz lembrar das adivinhas abstratas referidas por Guimarães Rosa no primeiro prefácio do livro, “Aletria e hermenêutica”. Dentre as charadas está o “célebre koan: ‘Atravessa uma moça a rua; ela é a irmã mais velha, ou a caçula?’ “, que o autor cita e logo explica uma possível “utilidade”: “*Apondo a mente a problemas sem saída, dêsses, o que o zenista pretende é atingir o satori, iluminação, estado aberto às intuições e reais percepções*” (8). No conto, podemos entrever tal concepção do autor “aplicada” à sua produção ficcional.

Nota-se no conto que o narrador, em seus momentos de estabilidade e paz, tinha somente uma lembrança vaga de Rebimba, sem muita relevância. Ele acha, inclusive, que Rebimba poderia ser apenas invenção do Daça, como exemplarmente se nota na seguinte passagem: “Não valia pôr lembrança, porém, no Daça, que esmolara a minha desgraça e baboseara inventando aquilo de Rebimba, o bom,

me enganando, nas muitas imaginações. Ojeriza dêle me desgostava, instinto de ingratidão” (ROSA, 1968, p.127). Essa possibilidade o desgostava, mas não chegava a preocupá-lo, pois, estando em situação estável, não se dava a tais reflexões: “Daqui a futuro, eu indo, como quem viaja sem ver os lados.” (ROSA, 1968, p.128)

Todavia, a “balança quinhoã” (ROSA, 1968, p.127) volta a se movimentar mais uma vez e a tranquilidade dá lugar ao desespero “Tio Quinjoca de fato morreu, conforme o destino produz” (ROSA, 1968, p.128). Com isso, os momentos difíceis retornam, “tive de ver o avêso. A verdade me adoeceu [...] Me lembrei da miséria, prostrado” (ROSA, 1968, p.128), e, mais uma vez, a recordação de uma esperança ressurgiu: “Mas, o bom, Rebimba! Maiormente, o melhor, em caso qualquer ele havia de me valer, eu soubesse, demorando o pensamento. Já valente me levantei, desassustado, achei a tramontana” (128). Aqui, a expressão popular “perder a tramontana”, significando desorientar-se, é invertida, tomando o sentido de encontrar o caminho. Deste modo, Rosa desconstrói o lugar-comum do provérbio e ressignifica a expressão automatizada – como é frequente em sua obra.

Na sequência, o narrador volta a se alegrar no momento em que se casa com Cilda. O tempo passa, a vida segue: “Aquietado feliz, dobrei meus tempos, o comum, conforme nem se dá fé, no apropositar as coisas. De Rebimba, o bom, com ninguém mais conversei, o escondido” (ROSA, 1968, p.128). Agora casado, sua felicidade não é mais qualificada como “perturbada” e sim como “aquietada”. Com relação a Rebimba, mantém-se a mesma relação distante de outros tempos: “Só às curtas vêzes, sem detenças, fazia tenção de um dia ir lá, a êle, retamente, quando dúvida ou desar me apoquentavam; me animava de coragem êsse recurso, adiante mas remoto, certo e velho como as idéias, alcançadiço.” (ROSA, 1968, p.128)

Estando ele “real fartado, prosperidoso<sup>5</sup>” (ROSA, 1968, p.128) não se ocupa de Rebimba, pois tem um antídoto garantido

contra os percalços: “Cilda, minha mulher, arredava de mim o que de nosso canto não fizesse parte, os pontos de inquietação. Com doçuras” (ROSA, 1968, p.128). Porém, a vida toma, mais uma vez, rumo diferente: “Em tanto, pois, que, vinda a hora, por primeira vez ela me iludiu, fiquei viúvo. Êsse, foi o sofrimento. Para o que assim, nem Rebimba, o bom, tinha socorro: o querido consoante o perdido. Eu acabei, de certo modo.” (ROSA, 1968, p.128)

O narrador, com todo seu passado esquadrinhado diante de si no momento da narração, reconhece que, até então, aquele havia sido “o sofrimento” maior. Agora nem mesmo seus filhos e filhas traziam consolo, nem mesmo todas as boas lembranças de Cilda, do Daça, do tio Aquino Jaques, ou da tia. Confessa neste momento que: “Mais me perseguia o desconhecer do espírito” (ROSA, 1968, p.129). Assim, as saudades, a amargura e o remorso tomavam conta dele: “para eles, todos, eu não tinha sido eu, devidamente, não pagara o bem com o bem, bastante.” (ROSA, 1968, p.129)

A morte, que ele já havia sentido de perto, e que levava seus entes amados, aflige-o novamente, visto que se lembra do medo da decomposição até pelo próprio hálito: “temi ficar louco. Dito que temia já o fétido de meu bafo” (ROSA, 1968, p.129). Mas, mesmo assim, prossegue: “No entanto, viajei, duro o caminho que era obrigação” (ROSA, 1968, p.129). E no retorno de viagem passa por um arraial, o citado Rio-do-Peixe, e constata, para sua grande admiração, que lá “se enterrava Rebimba, o bom, pessoa qualificada!” (ROSA, 1968, p.129). Depois de tantos anos lembrando e esquecendo Rebimba, ele finalmente o encontra – mesmo sem procurá-lo. Porém, já morto. Mesmo Rebimba, sempre “o bom”, estava agora sendo velado pelo povo do arraial:

Êle estava público, guardado no caixão. Descobri a cabeça, acompanhei, também, por tudo solucei, eu, endoençamingas. Mas o povo ria, porém, ao mesmo tempo que choravam, por imponentes entusiasmos, por aquêle homem ter havido e existido. Refalo. Só ele era bom, protetor de quem e de quantos, da melhor sagacidade. (ROSA, 1968, p.129)

O povo do lugar não velava o corpo de forma melancólica, mas curiosamente “riam ao mesmo tempo que choravam”. Alegravam-se e entristeciam-se por Rebimba, o bom: a morte dele era digna de festas, provavelmente por vislumbrarem a passagem daquele homem singular para algum outro lugar, também especial. O narrador, consciente do fluxo da vida, finaliza então seu relato:

Sorri, ri, por o contrário de chorar, também. O que dura. Ora eu não tenha medo de morrer, os castigos, os hábitos. Salvadamente – em ôvo. Porque envelheci, a vida não me puxa mais a orelha. Com certeza, o mundo hoje está em paz. Repenso em Rebimba, o bom, valedor. O mal não tem miolo. – *‘Louvado seja o que há!’* – escrevi, altíssimo, para renovar memórias. (ROSA, 1968, p.129)

No momento presente de sua enunciação, ele percebe que seus receios do passado não faziam mais sentido. Ele se sente à vontade até mesmo para empregar a interjeição de indignação “ora”, exprimindo mudança de atitude frente à morte, por já não se apavorar mais com ela.

Nota-se que, tanto aqui nesta passagem do final quanto em vários outros trechos do conto, há presença de comentários do narrador, a deixar de lado a estória em si para “julgar” os acontecimentos vividos. Com isso, ele percebe que, em vários momentos, suas conjecturas do passado estavam equivocadas. Ele assume, assim, uma postura distanciada e reflexiva de sua própria narrativa ao se colocar como alvo do exercício de autoanálise. Irene Gilberto Simões a tal respeito declara que:

O narrador é ao mesmo tempo o leitor de sua estória, no momento em que introduz comentários que indicam um distanciamento em relação ao narrado. Isto significa que o discurso é contaminado pela estória e a primeira pessoa sugere uma terceira pessoa disfarçada. (SIMÕES, 1988, p. 175)

Esse distanciamento fica mais evidente no primeiro e no último parágrafos, que remetem ao “agora” da enunciação, em que ele se afasta da matéria da diegese. O tempo de duração da narração é breve. Já o tempo da diegese é dilatado, pois vai da retomada da sua juventude – “*eu era môço, restei sem pai e mãe*”. (ROSA, 1968, p. 126, grifo meu) – passando por etapas da vida adulta, até atingir a velhice, no momento em que efetiva o relato – “*envelbeci, a vida não me puxa mais a orelha.*” (ROSA, 1968, p.129, grifo meu). Os acontecimentos se sucedem de acordo com a relevância que o narrador concede a eles, fazendo com que ocorram grandes saltos temporais, sendo priorizados alguns acontecimentos.

No primeiro parágrafo ele explicita qual a matéria de sua fala, que soa enigmática, pois o leitor só descobrirá realmente do que trata o conto na medida em que se desenvolve:

Recerto. Quem foi? Do qual só o todo pouco sei, porém, desfio e amostrô, e digo. O que realça; re clara. Ou para rir, da graça que não se ache, do modo do que cabe no oco da mão, pingos primeiros em guarda-chuva. E eu mesmo me refiro: a êle. Reconheço, agradeço, desconheço. Em nome dele seja – sim e sim. (ROSA, 1968, p.126)

A compreensão do primeiro parágrafo só se dá, categoricamente, no final, quando ele encontra Rebimba. As descobertas e os desenganos do narrador aparecem de modo sequencial: não há antecipações de eventos, respeitando-se a “cronologia” dos acontecimentos. Assim, o clímax do final do conto é resultado de toda orientação da narrativa, amarrando seus significados ocultos e dando sentido aos mesmos, bem como para o próprio título do conto. É, também, só ao seu término que ocorre a resolução do “problema” de consciência do narrador: o seu “desconhecer do espírito” (ROSA, 1968, p.129) que tanto o afligia.

No segundo parágrafo, o narrador retoma sua juventude, iniciando seu relato no momento em que ficou sem pai e mãe, durante

uma epidemia de varíola. Naquele tempo, o protagonista se encontrava em uma situação extremamente delicada que requeria segurança. Ele afirma que: “Desde aí tive duas memórias” (ROSA, 1968, p.126). Será a memória da pobreza e da fartura? Será lembrança dos fatos negativos e positivos? Ou do próprio esquecimento e lembrança de Rebimba?

Notório é que, no relato do narrador, Rebimba constitui-se como figura central, encontrando-se presente em vários pontos da narrativa – fala-se dele do princípio ao fim, como referência a algo superior, que merece ser mencionado. A primeira referência a Rebimba, no primeiro parágrafo, é substituída pelo pronome *ele*, como em outras ocasiões. “E eu mesmo me refiro: a êle” (ROSA, 1968, p.126). Aqui o pronome *ele* assegura a indeterminação e o suspense em torno da figura de Rebimba, que só se mencionará adiante. Vale lembrar que o nome de Rebimba, em todas as suas dez menções, sempre surge acompanhado do complemento “*o bom*”, que parece pertinente, uma vez que vinculado ao significado da palavra “rebimbo”. De acordo com *O léxico de Guimarães Rosa*, este termo significa “faísca” (MARTINS, 2001, p. 415). Tal dado pode remeter à ideia do início do conto, ligada a Rebimba: “O que realça; reclarar” (ROSA, 1968, p.126), com a conotação de aclarar, faiscar, brilhar, cintilar. Ainda há outro sentido do vocábulo que também parece ser pertinente para este contexto: o do verbo “bimbar”, que significa “festejar, celebrar alegremente como que tocando sinos” (MARTINS, 2001, p. 72). “Rebimba”, a soma do prefixo *re* + *bimbar*, parece fazer sentido se cotejado ao final apoteótico do texto, no qual o narrador, após ter passado pelos altos e baixos da sua vida, celebra alegremente a descoberta de Rebimba no velório festivo.

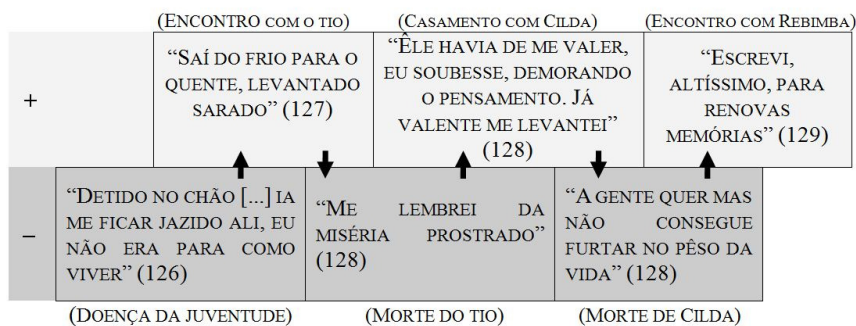
Percebe-se que a oposição pendular, destacada anteriormente, entre períodos bons e ruins, relacionada à diegese, se estende também a um nível mais elementar de seu discurso: o dos significantes. Tem-

se como exemplo a oposição dos prefixos “re” e “des”, refletindo uma alternância que se mantém em todo o texto. De acordo com o dicionário Aurélio, o prefixo *re*, originário do latim, indica “‘movimento para trás’; ‘repetição’; ‘intensidade’; ‘reciprocidade’; ‘mudança de estado’” (FERREIRA, 1999, p. 1710). O prefixo “re” traz, portanto, uma ideia de reforço, de reiteração de algo, como exemplifica a palavra que abre o conto: “Recerto” (ROSA, 1968, p.126), (muito certo), ou ainda, no mesmo parágrafo, as palavras: “realça”, “reclara”, “reconheço”. (ROSA, 1968, p.126)

O mesmo dicionário traz o prefixo “des” como sendo de origem controvertida, significando: “‘separação’; ‘transformação’; ‘intensidade’; ‘ação contrária’; ‘negação’; ‘privação’” (FERREIRA, 1999, p. 628). Enquanto o prefixo “re” possui um aspecto reforçador, positivo, o “des” traz uma carga de negação ao vocábulo a que está ligado, criando uma relação de oposição, com aquele outro prefixo, como exemplifica esse trecho extraído do primeiro parágrafo do texto: “*Reconheço, agradeço, desconheço*” (ROSA, 1968, p.126, *grifos meus*). Observe-se que várias outras palavras do conto trazem este mesmo prefixo: “desfio”, “desconhecido”, “desvalesse”, “desconfianças” (ROSA, 1968, p.126), “desimpedido”, “desvalidos”, “desfeito”, “desgraça”, “desgostava” (ROSA, 1968, p.127), dentre outras.

Teríamos essa oposição ainda expressa por algumas sentenças que remetem a imagens relacionadas ou a um nível superior, do alto, ou a um plano inferior, próximo ao chão. É interessante notar que Rebimba está em lugar “a-pique alto, no termo de estradas léguas” (127), em oposição ao local aonde jaziam os consumidos pela bexiga-preta: “tantos tão de repente amontoadamente mortos, as caras com apostemas e buracos.” (ROSA, 1968, p.129)

Exemplifica-se, no quadro seguinte, essa oposição remetendo aos aspectos positivos (euforia), e negativos (disforia) do esquema já visto anteriormente.



As frases destacadas acima são ilustrativas dos momentos principais em que ocorrem as transições entre euforia e disforia na vida do narrador, como se o movimento alternado “para cima e para baixo” representasse a mudança de posição dos pratos da “balança quinhoã”. Desta forma, nota-se que a mencionada oposição se revela em várias instâncias do discurso do narrador, que vai desde o emprego de palavras (*reconheço X desconheço*) às conotações das orações que criam “imagens”, também opositivas.

Por fim, observa-se que, em seu relato, é predominante uma espécie de função “testemunhal” da narrativa (retomando as categorizações criadas por Roman Jakobson). Visto que o narrador orienta seu discurso para si mesmo, em busca de maior entendimento e conscientização: ele retoma e reorganiza os fatos que, finalmente, se aclaram. Apesar da narrativa parecer caminhar para um desengano do narrador no fim da estória, por estar desconsolado com “o sofrimento” maior, ocorre uma revelação, uma peripécia – encontrar Rebimba – capaz de harmonizar o narrador com sua consciência e deixá-lo em paz no momento da narração. A descoberta da existência de Rebimba e de sua morte ocasiona uma mudança radical na sua maneira de encarar o mundo. Assim, o retorno ao passado depois da revelação é feito com o intuito de reler os fatos, de um ponto de vista, agora, diverso, em que ele pode por fim reconhecer que: “O mal não tem miolo. – *Louvado seja o que há!*” (ROSA, 1968, p.129)



Aqui neste final podemos, mais uma vez, observar lastro da poética do autor que aparece no último prefácio do livro, “Sobre a escôva e a dúvida”, trazendo um pouco da filosofia empírica do vaqueiro Zito, sorvida por Guimarães Rosa: “O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. *Para onde nos atrai o azul? – calei-me. Estava na teoria da alma.*”. (ROSA, 1968, p.165)

## Referências

CORREIA FILHO, João. Rememranças de seu Zito. **Revista Cult. CULT** Revista Brasileira de Literatura. Dossiê “Guimarães Rosa”. Ano IV, n. 43, São Paulo: Lemos Editorial, fevereiro/2001. p. 50-55.

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira – Brasília: INL, 1991. (Col. Fortuna Crítica, 6).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega. s.d.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.

NOVIS, Vera. **Tutaméia**: engenho e arte. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1989. (Col. Debates, 223).

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tutameia** (terceiras estórias). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

SANTIAGO, Silviano. Transtornado incerto. **D.O. Leitura** – publicação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, ano 19, n. 2, fevereiro de 2001. p. 14-19.

SIMÕES, Irene Gilberto. **Guimarães Rosa**: as paragens mágicas. São Paulo: Perspectiva/MCT CNPq, 1988. (Col. Debates, 216).

## Notas

<sup>2</sup> Adotaremos neste artigo a grafia “estórias” para fazer referência aos textos literários. Rosa grafava “estórias” para designar suas narrativas ficcionais, conforme a distinção feita no primeiro prefácio de *Tutaméia*: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História.” (ROSA, 1968, p. 3).

<sup>3</sup> Parte da discussão realizada neste artigo integra a dissertação de mestrado do autor intitulada: *Narradores Autodiegéticos Presentes em Tutaméia (terceiras estórias)*, de João Guimarães Rosa. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2005. Sob orientação de Adelaide Caramuru César.

<sup>4</sup> Nas citações desta obra, optou-se por manter a grafia original da 2ª edição publicada (exceto pelo título, adaptado à nova ortografia), por não afetar a compreensão textual.

<sup>5</sup> Este neologismo, que parece ser composto de “próspero” e “idoso”, funde em uma palavra a situação em que o narrador se encontrava naquele momento.